

PSIQUIATRIA E TORTURA *O INTERROGATÓRIO PSIQUIÁTRICO*

Leopoldo María Panero (1948-2014)¹

Tradução: Cássio Robson Alves da Silva²

O interrogatório psiquiátrico procede exatamente da mesma forma que aquele praticado pela polícia. Antes de tudo, efetivamente, parte da suspeita: toda vida interior do “paciente” é automaticamente colocada sob suspeita em busca de conteúdos psíquicos; e não se trata de fazer aflorar a consciência em prol do célebre “retorno do reprimido”, mas, ao contrário, trata-se de reprimir. Como o policial, o psiquiatra pensa infalivelmente que sua vítima está mentindo. Portanto, não há nada aqui que se assemelhe ao deleite da associação livre – daí o abandono do divã e sua substituição pela cadeira –, porém, bem ao contrário, lograr-se-á levar o objeto a todo custo a tratar de ocultar o que resta de si mesmo enquanto sujeito, e aquele será cuidadoso o bastante para, doravante, não mencionar as suas ideias ou sensações as quais sabe, de antemão, figuram no índice.³ Ou ainda, [o paciente] as vomitará com a mesma morbidez manifestada na confissão cristã, selecionando escrupulosamente os pecados mais exóticos de sua consciência para, assim, satisfazer o desejo neurótico do inquisidor: o afã de censurar, ou de maltratar; eis a “mania de confessar” do esquizofrênico. Porém, aqui está, nesta perda de identidade do sujeito tornado objeto, categoria ou

¹ Poeta e ensaísta espanhol.

² Atualmente cursa doutorado em Filosofia na Universidade Federal do Ceará-UFC.

³ Leopoldo María Panero refere-se, supostamente, ao DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders); em português: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais (N.T.).

classe – esquizofrênico, neurótico, etc. –, o real motivo da triste e célebre “transferência”, e sua tendência em tornar-se interminável. Afora isso, o que lamentavelmente permanece da herança freudiana é a noção de que o suceder psíquico não é livre, mas forma parte dos mecanismos de um misterioso “aparelho psíquico” cujas leis, é preciso dizer, sempre tenderam a pôr um caráter muito mais moral, ou penal, que científico.

O corpo do “doente”, não somente no âmbito clínico, mas muito mais no meio exageradamente psiquiátrico e temeroso da vida cotidiana, serve como o corpo de uma providencial hetaira a ser violentada. O corpo do paciente, privado de sua identidade ou de sua vida interior pelo interrogatório psiquiátrico, ou, a nível cotidiano, o que é o mesmo, pela perda do valor dialético da palavra, fica, por isto, a mercê de todos. Como sua palavra, sua carne está para as agressões, assim como sua voz para a chacota. Prostituta e bufão ao mesmo tempo, o mais lamentável é que muitas vezes, a fim de situar-se no mundo, o assim chamado “paciente” mimetiza os traços do crime imaginário, adota o que Maud Mannoni⁴ denomina “a máscara da loucura” e relata sua vida como um chiste gratuito para ter, pelo menos assim, uma existência suplementar no mundo. Enfim, o que resulta significativo desta situação – e o que prova que, como diz Szasz⁵, o “mito da doença mental” é, na verdade, uma enfermidade social, como a caça às bruxas ou o racismo – é que não sejam apenas os chamados “cuidadores” (enfermeiros sem formação médica) do “Alonso Vega”⁶ os que açoitam, muitas vezes até a morte, o “doente” – atordoado pelos calmantes –, como se sabe de boa fonte, mas sim que isso seja um costume popular, como versa a canção: “Qué se puede hacer con el tonto de este pueblo; hay que brearlo, hay que correrlo”.⁷ Prova-se que aquilo que a tal loucura manifesta é algo universal, isto é, algo reprimido não apenas pelo indivíduo, mas também pela sociedade, e por isso sua erradicação, longe de ser técnica, supõe um certo gozo, já que o *Isso*⁸ é desejo, apetite e gozo, como toda liberdade.

4 Maud Mannoni (1923-1998) foi uma psicanalista francesa. (N.T.).

5 Thomas Stephen Szasz (1920-2012) foi um psiquiatra húngaro. (N.T.).

6 Hospital Psiquiátrico localizado em Madrid, na Espanha, fundado em 1969 e desde 2003 conhecido como Hospital Dr. Rodríguez Lafora. (N.T.).

7 Consagrada pelo grupo musical espanhol “La charanga del tío Honorio”, a canção intitula-se *Hay que lavalo* de 1975. Optou-se por mantê-la em espanhol no corpo texto, porém indicamos aqui uma tradução aproximativa e livre: “O que pode ser feito com o louco deste povo? Temos que maltratá-lo, temos que fustigá-lo”. (N.T.).

8 Termo concebido por Sigmund Freud (1856-1939), em alemão *Es*, para referir-se ao conjunto de conteúdos pulsionais e de ordem inconsciente, podendo rumar tanto para pulsão de vida, neste caso para o desejo do fim da loucura, bem como para a pulsão de morte, o que seria a consumação violenta do desejo de eliminação e controle da loucura ou dos loucos. (N.T.).

PSIQUIATRÍA Y TORTURA

EL INTERROGATORIO PSIQUIÁTRICO

Leopoldo María Panero

El interrogatorio psiquiátrico procede exactamente de la misma forma que el que practica la policía. Efectivamente, ante todo, parte de la sospecha: toda vida interior del «paciente» es automáticamente sospechada en busca de contenidos psíquicos que justamente no se trata de hacer aflorar a la consciencia en pos del célebre «retorno de lo reprimido», sino todo lo contrario, de reprimir. Lo mismo que el policía, el psiquiatra piensa infaliblemente que su víctima miente. No hay ya por tanto aquí nada que se parezca al relajamiento de la asociación libre – de ahí el abandono del diván y su sustitución por la silla –, sino que muy al revés se logrará llevar al objeto a tratar a toda costa de esconder lo que de sí mismo queda en tanto que sujeto, y aquél tendrá buen cuidado en adelante de no mencionar aquellas ideas o sensaciones suyas que sabe de antemano figuran en el index. O bien, otras veces, las vomitará con la misma morbosidad que se manifiesta en la confesión cristiana, seleccionando escrupulosamente los pecados más exóticos de su consciencia para así satisfacer el deseo neurótico del inquisidor: el anhelo de tachar, o de violar; he aquí la «la manía de confesar» del esquizofrénico. Pero sobre todo ahí está en esta pérdida de identidad del sujeto devenido objeto, devenido categoría o clase –esquizofrénico, neurótico, etc.– el motivo real de la tristemente célebre «transferencia», y su tendencia a convertirse en interminable. Aparte de eso, lo único que queda aquí tristemente de la herencia freudiana es la noción de que el suceder psíquico no es libre, sino que forma parte de los mecanismos de un misterioso «aparato psíquico» cuyas leyes siempre, hay que decirlo, tuvieron tendencia a poseer un carácter mucho más moral, o pena, que científico.

El cuerpo del «enfermo» no sólo en el marco psiquiátrico, sino mucho más quizás en el entorno exageradamente psiquiátrico y temeroso de la vida cotidiana, sirve como el de una providencial hetaira para los golpes. El cuerpo del paciente, privado de su identidad o vida interior por el interrogatorio psiquiátrico, o lo que es lo mismo, a un nivel cotidiano, por la pérdida del valor dialéctico de su palabra, queda por ello a merced de todos. Lo mismo que su palabra: su carne es

para los golpes, su voz para la risa. Prostituta y bufón al mismo tiempo, lo más lamentable es que muchas veces, con tal de ubicarse en el mundo, el bien llamado «paciente» mimetiza los rasgos del crimen imaginario, adopta lo que Maud Mannoni denomina «la máscara de la locura» relatando su vida como un chiste gratuito, para tener así, al menos, una existencia suplementaria en este mundo. En fin, pero lo que resulta significativo de esta situación, y lo que prueba que el «mito de la enfermedad mental», como lo llama Szasz, es realmente una enfermedad social, como la caza de brujas o el racismo, es que no sean sólo los llamados «cuidadores» –enfermeros sin preparación médica– del «Alonso Vega» los que golpean «al enfermo», atontado por los calmantes, muchas veces hasta la muerte, como he sabido de buena fuente, sino que ello sea una costumbre popular, como dice la canción: «Qué se puede hacer con el tonto de este Pueblo; hay que brearlo, hay que correrlo». Lo que prueba que aquello que en la llamada locura se pone de manifiesto es algún universal, esto es, algo no sólo reprimido por individuo, sino socialmente, y por ello su erradicación, lejos de ser técnica, supone un gozo cierto, ya que sabíamos que el *Ello* es deseo y apetencia y goce, como toda libertad.

REFERÊNCIA:

PANERO, Leopoldo María. **Psiquiatría y tortura**. in: **Aviso a los civilizados**. Madrid: Libertarias, 1990, pp. 49-51.